LIÇÃO 14 - Argumentos contra as Ideias Platônicas

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 9: 990a 34-991a 8

> *103. Mas aqueles que postularam as Ideias, e foram os primeiros a buscar uma compreensão das causas das coisas sensíveis, introduziram outros princípios em número igual a estas — como se alguém que deseja contar coisas pensa que isso não pode ser feito quando elas são poucas, mas acredita que pode contá-las depois de ter aumentado seu número. Pois as Formas separadas são quase iguais, ou não menos numerosas, do que essas coisas sensíveis em cuja busca por suas causas esses pensadores procederam das coisas sensíveis para as Formas. Pois para cada coisa corresponde alguma entidade homogênea com o mesmo nome; e quanto às substâncias de outras coisas, há um-um-em-muitos, tanto no caso dessas coisas sensíveis quanto naquelas que são eternas.*
>
> *104. Além disso, quanto às maneiras pelas quais provamos que existem Formas, de acordo com nenhuma delas elas se tornam evidentes. Pois de algumas nenhum silogismo se segue necessariamente, enquanto de outras sim; e [de acordo com estas] há Formas de coisas das quais não pensamos que existam Formas.*
>
> *105. Pois de acordo com aqueles argumentos a partir da [existência das] ciências, haverá Formas de todas as coisas das quais existem ciências; e de acordo com o argumento do um-em-muitos, também haverá Formas de negações.*
>
> *106. Novamente, de acordo com o argumento de que há alguma compreensão da corrupção, haverá Formas de coisas corruptíveis; pois destas há alguma imagem sensível.*
>
> *107. Novamente, de acordo com os argumentos mais certos [para as Formas], alguns estabelecem Formas de relações, das quais eles negam que haja qualquer classe essencial; enquanto outros levam ao "terceiro homem".*
>
> *108. E, em geral, os argumentos para as Formas eliminam a existência das coisas que aqueles que falam das Formas estão mais ansiosos por preservar do*

> *que as próprias Formas. Pois acontece que a díade [ou dualidade] não é primeira, mas sim o número; e que o relativo é anterior àquilo que existe por si mesmo. E todas as outras [conclusões] que alguns [alcançam] ao seguir as opiniões sobre as Ideias são opostas aos princípios [da teoria].*
>
> *109. Novamente, de acordo com a opinião pela qual afirmamos que existem Ideias [ou Formas], haverá Formas não apenas de substâncias, mas também de muitas outras coisas. Pois existe um conceito não apenas no caso das substâncias, mas também no de outras coisas; e existem ciências não apenas da própria substância, mas também de outras coisas. E mil outras [dificuldades] como essas os confrontam.*
>
> *110. Mas, por necessidade lógica e de acordo com as opiniões sobre as Ideias, se as Formas são participadas, deve haver Ideias apenas de substâncias. Pois elas não são participadas de acordo com o que é acidental. Mas as coisas devem participar de cada Forma neste aspecto: na medida em que cada Forma não é predicada de um sujeito. Quero dizer que, se algo participa da própria dualidade, também participa do eterno, mas apenas acidentalmente; pois é um acidente da dualidade ser eterna. Portanto, as Formas serão substâncias.*
>
> *111. Mas essas coisas significam substância tanto aqui quanto no mundo ideal; [caso contrário] por que é necessário que um-um-em-muitos apareça além dessas coisas sensíveis? De fato, se a forma das Ideias e a das coisas que delas participam são as mesmas, haverá algo em comum. Pois por que a dualidade seria uma e a mesma no caso de dois corruptíveis e naqueles que são muitos, mas eternos, em vez de no caso desta [Ideia de dualidade] e de um dois particular? Mas se a forma não é a mesma, haverá pura equivocação; assim como se alguém chamasse tanto Cálias quanto um pedaço de madeira de homem, sem observar nenhum atributo comum que eles pudessem ter.*

COMENTÁRIO

208. Aqui ele argumenta de forma disputativa contra a opinião de Platão. Isso se divide em duas partes. Primeiro (208), ele argumenta contra a opinião de Platão com referência à sua posição sobre as substâncias das coisas; e segundo (259), com referência à sua posição sobre os princípios das coisas ("E em geral").

A primeira se divide em duas partes. Primeiro, ele argumenta contra a posição de Platão de que as Formas são substâncias; e segundo (122:C 239), contra as coisas que ele postulou sobre os objetos da matemática ("Além disso, se as Formas").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele argumenta contra esta posição de Platão; e segundo (210), contra o raciocínio por trás dela ("Além disso, com relação a").

Ele diz, primeiro (103), que os platônicos, ao sustentar que as Ideias são certas substâncias separadas, pareciam estar errados na medida em que, quando buscavam as causas desses seres sensíveis, negligenciaram os seres sensíveis e inventaram certas outras entidades novas iguais em número aos seres sensíveis. Isso parece absurdo, porque aquele que busca as causas de certas coisas deveria torná-las evidentes e não adicionar outras coisas, cuja premissa apenas aumenta o número de pontos que precisam ser investigados. Pois seria semelhante a um homem que desejasse contar certas coisas que ele não achava que pudesse contar porque são poucas, e acreditasse que pudesse contá-las aumentando seu número através da adição de certas outras coisas. Mas é evidente que tal homem tem um motivo tolo, porque o caminho é mais claro quando há menos coisas; pois é melhor e mais fácil ter certeza de menos coisas do que de muitas. E quanto menor for um número, mais certeza teremos dele, na medida em que está mais próximo da unidade, que é a medida mais precisa. E assim como o processo de contar coisas é a medida que usamos para ter certeza de seu número, de maneira semelhante, uma investigação das causas das coisas é a medida precisa para ter certeza de suas naturezas. Portanto, assim como o número de coisas numeráveis menores é determinado mais facilmente, de maneira semelhante, a natureza de menos coisas é determinada mais facilmente. Portanto, quando Platão aumentou as classes de seres na medida em que o fez com o objetivo de explicar as coisas sensíveis, ele adicionou ao número de dificuldades ao tomar o que é mais difícil para explicar o que é menos difícil. Isso é absurdo.

209. Que as Ideias são iguais em número, ou não menos numerosas, do que as coisas sensíveis, cujas causas os platônicos buscam (e Aristóteles se inclui entre eles porque foi discípulo de Platão), e que eles estabeleceram ao ir das coisas sensíveis para as referidas Formas, torna-se evidente se considerarmos por qual raciocínio os platônicos introduziram as Ideias. Ora, eles raciocinaram assim: viram que há um-um-em-muitos para todas as coisas que têm o mesmo nome. Portanto, eles afirmaram que este um-em-muitos é uma Forma. No entanto, com respeito a todas as substâncias de coisas diferentes das Ideias, vemos que se descobre que há um-um-em-muitos que é predicado delas univocamente, na medida em que se descobrem muitas coisas que são especificamente uma. Isso ocorre não apenas no caso das coisas sensíveis, mas também no dos objetos da matemática, que são eternos; porque entre estes também há muitas coisas que são especificamente uma, como foi dito acima (157). Portanto, segue-se que alguma Ideia corresponde a cada espécie de coisas sensíveis; e, portanto, cada Ideia é algo que tem o mesmo nome que essas coisas sensíveis, porque as Ideias concordam com elas em nome. Pois assim como Sócrates é chamado de homem, também o é a Ideia de homem. No entanto, elas diferem conceitualmente; pois a estrutura inteligível de Sócrates contém matéria, enquanto a do homem ideal é desprovida de matéria. Ou, de acordo com outra leitura, cada Forma é dita ser algo que tem o mesmo nome [que essas coisas sensíveis] na medida em que é um-um-em-muitos e concorda com as coisas das quais é predicada no que diz respeito à estrutura inteligível da espécie. Portanto, ele diz que elas são iguais ou não menos numerosas do que essas coisas. Pois, ou se considera que existem Ideias apenas de espécies, e então elas seriam iguais em número a essas coisas sensíveis (supondo que as coisas são contadas aqui na medida em que diferem especificamente e não individualmente, pois esta última diferença é infinita); ou se considera que existem ideias não apenas de espécies, mas também de gêneros, e então haveria mais ideias do que espécies de coisas sensíveis, porque todas as espécies seriam Ideias e, além destas, cada gênero [seria uma Ideia]. É por isso que ele diz que elas são não menos numerosas ou mais. Ou, de outra forma, elas são ditas iguais na medida em que ele afirmou que são as Formas das coisas sensíveis. E ele diz não menos

numerosas, mas mais, na medida em que ele sustentou que são as Formas não apenas das coisas sensíveis, mas também dos objetos da matemática.

210. Além disso, com relação a (104).

Aqui ele argumenta dialeticamente contra o raciocínio por trás da posição de Platão; e quanto a isso, ele faz duas coisas. Primeiro, ele dá um relato geral das maneiras pelas quais os argumentos de Platão falham. Segundo (211), ele os explica em detalhes ("Pois, de acordo com aqueles").

Ele diz, primeiro, que com relação às maneiras pelas quais nós, platônicos, provamos a existência das Formas, de acordo com nenhuma delas as Formas são vistas como existentes. A razão é que "nenhum silogismo segue" necessariamente de algumas dessas maneiras, i.e., de certos argumentos de Platão, porque eles não podem demonstrar com necessidade a existência das Ideias. No entanto, de outros argumentos, um silogismo segue, embora não apoie a tese de Platão; pois por certos de seus argumentos se prova que existem Formas de certas coisas das quais os platônicos não pensavam que houvesse Formas, assim como se prova que existem Formas daquelas coisas das quais eles pensam que há Formas.

211. Pois, de acordo com (105).

Aqui ele examina em detalhes os argumentos pelos quais os platônicos estabelecem as Ideias. Primeiro, ele examina o segundo argumento; e ele faz isso mostrando que do argumento de Platão se segue que existem Formas de algumas coisas para as quais os platônicos não postularam Formas. Segundo (225), ele examina o primeiro argumento; e ele faz isso mostrando que os argumentos de Platão não são suficientes para provar que as Ideias existem ("Mas o mais").

Em relação ao primeiro membro desta divisão, ele apresenta sete argumentos. O primeiro é este: um dos argumentos que induziram Platão a postular as Ideias é extraído do conhecimento científico; pois, como a ciência trata de coisas necessárias, ela não pode tratar de coisas sensíveis, que são corruptíveis, mas deve tratar de entidades separadas, que são incorruptíveis. Segundo o argumento extraído das ciências, segue-se, então, que existem Formas de todo tipo de coisa das quais existem ciências. Ora, existem ciências não apenas daquilo que é um-em-muitos, que é afirmativo, mas também de negações; pois, assim como há algumas demonstrações que concluem com uma proposição afirmativa, de modo semelhante há demonstrações que concluem com uma proposição negativa. Logo, é necessário também postular Ideias de negações.

212. Além disso, segundo o argumento (106).

Aqui ele apresenta o segundo argumento. Pois nas ciências não se entende apenas que algumas coisas existem sempre do mesmo modo, mas também que algumas coisas são destruídas; caso contrário, a filosofia da natureza, que trata do movimento, seria destruída. Portanto, se deve haver ideias de todas as coisas que são compreendidas nas ciências, deve haver Ideias de coisas corruptíveis como tais, i.e., na medida em que são coisas sensíveis singulares; pois assim as coisas são corruptíveis. Mas, segundo a teoria de Platão, não se pode dizer que aquelas ciências pelas quais entendemos os processos de corrupção no mundo alcançam algum entendimento dos processos de corrupção nas coisas sensíveis; pois não há compreensão dessas coisas sensíveis, mas apenas imaginação ou fantasia, que é um movimento produzido pelos sentidos em seu ato de

sentir, como é apontado em *Da Alma*, Livro II.

213. Além disso, segundo o mais (107).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que contém duas conclusões que ele diz serem extraídas dos argumentos mais certos de Platão. Uma conclusão é esta: se existem Ideias de todas as coisas das quais existem ciências, e existem ciências não apenas de absolutos, mas também de coisas predicadas relativamente, então, ao dar este argumento, segue-se que existem também Ideias de relações. Isso se opõe à visão de Platão. Pois, como as Ideias separadas são coisas que existem por si mesmas, o que se opõe à inteligibilidade de uma relação, Platão não sustentou que existe uma classe de Ideias de relações, porque as Ideias são ditas existir por si mesmas.

214. A segunda conclusão é uma que segue de outros argumentos mais certos, a saber, que existe "um terceiro homem". Esta expressão pode ser entendida de três maneiras. Primeiro, pode significar que o homem ideal é um terceiro homem distinto de dois homens percebidos pelos sentidos, que têm o nome comum homem predicado de ambos. Mas isso não parece ser o que ele tem em mente, embora não seja mencionado nas *Refutações Sofísticas*, Livro II; pois esta é a posição contra a qual ele argumenta. Logo, segundo isso, não levaria a um absurdo.

215. A segunda maneira pela qual esta expressão pode ser entendida é esta: o terceiro homem significa aquele que é comum ao homem ideal e a um homem percebido pelos sentidos. Pois, como tanto um homem percebido pelos sentidos quanto o homem ideal têm uma estrutura inteligível comum, como dois homens percebidos pelos sentidos, então, assim como o homem ideal é tido como um terceiro homem além de dois homens percebidos pelos sentidos, de modo semelhante deveria ser tido outro terceiro homem além do homem ideal e de um homem percebido pelos sentidos. Mas nem isso parece ser o que ele tem em mente aqui, porque ele nos leva imediatamente a este absurdo por meio de outro argumento. Logo, seria inútil nos levar ao mesmo absurdo aqui.

216. A terceira maneira pela qual esta expressão pode ser entendida é esta: Platão postulou três tipos de entidades em certas classes de coisas, a saber, substâncias sensíveis, os objetos da matemática e as Formas. Ele faz isso, por exemplo, no caso dos números, linhas e similares. Mas não há razão para que coisas intermediárias sejam tidas como existentes em certas classes em vez de em outras. Logo, na classe do homem também era necessário postular um homem intermediário, que será um terceiro homem a meio caminho entre o homem percebido pelos sentidos e o homem ideal. Aristóteles também apresenta este argumento nos livros posteriores desta obra (2160).

217. E, em geral (108).

Aqui ele apresenta o quarto argumento, que é o seguinte. Quem, por sua própria razão, elimina certos [princípios] que lhe são mais conhecidos do que aqueles que postula, adota uma posição absurda. Mas estas teorias sobre as Formas que Platão sustentava eliminam certos princípios cuja realidade os platônicos (quando diziam que existem Ideias) estavam mais convencidos do que a existência das Ideias. Portanto, a posição de Platão é absurda. A premissa menor é provada desta maneira. Segundo Platão, as Ideias são anteriores tanto às coisas sensíveis quanto aos objetos da

matemática. Mas, segundo ele, as próprias Ideias são números; e são números ímpares em vez de pares, porque ele atribuiu o número ímpar à forma e o número par à matéria. Por isso ele também disse que a díade [ou dualidade] é matéria. Portanto, segue-se que outros números são anteriores à díade, que ele considerava a matéria das coisas sensíveis, e identificava com o grande e o pequeno. No entanto, os platônicos afirmavam exatamente o oposto disso, isto é, que a díade é primeira na classe dos números.

218. Além disso, se, como foi provado pelo argumento acima (213), deve haver Ideias de relações, que são relações subsistentes por si mesmas, e se a própria Ideia é anterior a qualquer coisa que participe da Ideia, segue-se que o relativo é anterior ao absoluto, que é dito existir por si mesmo. Pois substâncias sensíveis deste tipo, que participam das Ideias, são ditas em um sentido absoluto. E de modo semelhante, tudo o que aqueles que seguem a opinião sobre as Ideias dizem de todas as coisas é oposto a princípios evidentes por si mesmos, que até eles próprios estão mais prontos a reconhecer.

219. Além disso, segundo a opinião (109).

Aqui ele apresenta o quinto argumento, que é o seguinte: as Ideias foram postuladas por Platão para que as estruturas inteligíveis e definições das coisas dadas nas ciências lhes correspondessem, e para que pudesse haver ciências delas. Mas existe "um conceito", i.e., um conceito simples e indivisível, pelo qual a quididade de cada coisa é conhecida, i.e., não apenas a quididade das substâncias "mas também de outras coisas", a saber, dos acidentes. E de modo semelhante, existem ciências não apenas da substância e acerca da substância, mas também se encontram ciências "de outras coisas", i.e., de acidentes. Logo, segundo a opinião pela qual vocês, platônicos, reconhecem a existência das Ideias, evidentemente segue-se que haverá Formas não apenas de substâncias, mas também de outras coisas, i.e., de acidentes. Esta mesma conclusão segue não apenas por causa das definições e das ciências, mas também acontecem haver muitas "outras tais" [razões], i.e., muitasíssimas razões pelas quais é necessário postular Ideias de acidentes segundo os argumentos de Platão. Por exemplo, ele sustentava que as Ideias são os princípios do ser e do devir no mundo, e de muitos tais aspectos que se aplicam aos acidentes.

220. Mas, por outro lado, segundo a opinião de Platão sobre as Ideias e segundo a necessidade lógica, na medida em que as Ideias são indispensáveis às coisas sensíveis, i.e., "na medida em que" são capazes de ser participadas pelas coisas sensíveis, é necessário postular Ideias apenas de substâncias. Isto é provado assim: coisas que são acidentais não são participadas. Mas uma Ideia deve ser participada por cada coisa na medida em que não é predicada de um sujeito. Isto se torna claro como se segue: se alguma coisa sensível participa da "duplicidade mesma", i.e., de uma duplicidade separada (pois Platão falava de todas as coisas separadas desta maneira, a saber, como coisas subsistentes por si mesmas), ela deve participar do eterno. Mas não o faz essencialmente (porque então seguir-se-ia que qualquer duplo percebido pelos sentidos seria eterno), mas acidentalmente, i.e., na medida em que a própria duplicidade, que é participada, é eterna. E disso é evidente que não há participação em coisas que são acidentais, mas apenas em substâncias. Logo, segundo a posição de Platão, uma Forma separada não era um acidente, mas apenas uma substância. No entanto, segundo o argumento extraído das ciências, deve haver também Formas de acidentes, como foi dito acima (219).

221. Mas estas coisas (111).

Em seguida, ele apresenta o sexto argumento, que se desenvolve assim: estas coisas sensíveis significam substância tanto no caso das coisas percebidas pelos sentidos quanto no daquelas do mundo ideal, ou seja, no caso das coisas inteligíveis, que significam substância; porque eles sustentavam que tanto as coisas inteligíveis quanto as sensíveis são substância. Portanto, é necessário postular, além de ambas essas substâncias — inteligíveis e sensíveis —, alguma entidade comum que seja um uno-no-múltiplo. Pois os platônicos mantinham que as Ideias existem com base no fato de terem encontrado um uno-no-múltiplo que acreditavam ser separado do múltiplo.

222. A necessidade de postular um uno à parte tanto das substâncias sensíveis quanto das Formas ele prova assim: as Ideias e as coisas sensíveis que delas participam ou pertencem a uma classe ou não. Se pertencem a uma classe, e é necessário postular, segundo a posição de Platão, uma Forma comum separada para todas as coisas que possuem uma natureza comum, então será necessário postular alguma entidade comum tanto às coisas sensíveis quanto às próprias Ideias) que exista separada de ambas. Agora, não se pode responder a esse argumento dizendo que as Ideias, que são incorpóreas e imateriais, não precisam de Formas superiores; porque os objetos da matemática, que Platão coloca entre as substâncias sensíveis e as Formas, são igualmente incorpóreos e imateriais. No entanto, como muitos deles são encontrados pertencendo a uma espécie, Platão sustentou que há uma Forma comum para essas coisas, da qual não apenas os objetos da matemática participam, mas também as substâncias sensíveis. Portanto, se a duplicidade [ou dualidade] que é a Forma ou Ideia de duplicidade é idêntica àquela encontrada nas duplicidades sensíveis, que são corruptíveis (assim como um padrão é encontrado nas coisas modeladas segundo ele), e àquela encontrada nas duplicidades matemáticas, que são múltiplas em uma classe (mas são, no entanto, eternas), então, pela mesma razão, no caso da mesma duplicidade, ou seja, a Ideia duplicidade, e no caso da outra duplicidade, que é matemática ou sensível, haverá outra duplicidade separada. Pois nenhuma razão pode ser dada para que a primeira exista e a segunda não.

223. Mas se a outra alternativa for admitida — que as coisas sensíveis, que participam das Ideias, não têm a mesma forma que as Ideias —, segue-se que o nome que é predicado tanto das Ideias quanto das substâncias sensíveis é predicado de maneira puramente equívoca. Pois aquelas coisas são ditas equívocas que têm apenas um nome em comum e diferem em sua estrutura inteligível. E segue-se que elas não são apenas equívocas em todos os sentidos, mas equívocas em sentido absoluto, como aquelas coisas sobre as quais um nome é imposto sem consideração por qualquer atributo comum, que são ditas equívocas por acaso; por exemplo, se alguém chamasse tanto Cálias quanto um pedaço de madeira de homem.

224. Agora, Aristóteles acrescentou isso porque alguém poderia dizer que um nome não é predicado de uma Ideia e de uma substância sensível de maneira puramente equívoca, uma vez que um nome é predicado de uma Ideia essencialmente e de uma substância sensível por participação. Pois, segundo Platão, a Ideia de homem é chamada de "homem em si mesmo", enquanto este homem que apreendemos pelos sentidos é dito ser homem por participação. No entanto, tal equivocidade não é equivocidade pura. Mas um nome que é predicado por participação é predicado com referência a algo que é predicado essencialmente; e isso não é equivocidade pura, mas a multiplicidade da analogia. No entanto, se uma Ideia e uma substância sensível

fossem inteiramente equívocas por acaso, seguir-se-ia que uma não poderia ser conhecida através da outra, assim como uma coisa equívoca não pode ser conhecida através de outra.

Revision #3
Created 6 September 2026 22:08:01 by Admin
Updated 12 September 2026 23:31:24 by Admin